

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

Discurso de Jales Guedes Coelho Mendonça na Posse de Presidente do IHGG no Dia 05/05/2021

Jales Guedes Coelho Mendonça¹

No Egito antigo, o rei Sesóstris, interessado na expansão de seus domínios, partiu em uma aventura guerreira e realizou façanhas memoráveis, conquistando vários territórios e estendendo seu império para além do mítico rio Ganges. Ao regressar ao Egito, arrastando atrás de seu exército uma multidão de escravos, o rei impressionou-se com o chefe do povo cita que fitava insistentemente a roda de um dos carros egípcios. Inquirindo a razão desse olhar fixo, o soberano recebeu a seguinte resposta: “– Olho a roda, ó rei, porque estou vendo que a mesma te elevou às culminâncias. Dia virá, porém, em que a roda girará contra o teu destino e aí então serás cativo como eu...”

Na história da humanidade, vários líderes expansionistas que conheceram as maiores glórias experimentaram também, em vida, o reverso da moeda. Talvez o melhor exemplo repouse na individualidade de Napoleão Bonaparte. Amparado por suas vitórias militares, Bonaparte chegou a conquistar quase toda a Europa ocidental. Em sua cerimônia de sagração como imperador da França, realizada em 1804, na Catedral de Notre Dame, em Paris, Napoleão perpetrou um gesto bastante

¹ Promotor de Justiça, Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG), membro titular e atual presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG), cadeira n° 5.

simbólico e revelador de sua personalidade: no instante em que o Papa Pio VII se preparava para coroá-lo, ele retirou das mãos do pontífice a coroa, colocando-a em sua própria cabeça. Ato contínuo, Napoleão condecorou sua esposa Joséphine. A atitude, além de buscar ressaltar o poder do imperador francês frente à autoridade suprema da Igreja Católica, ainda procurou diferenciar-se da coroação de Carlos Magno, ocorrida mil anos antes nos moldes convencionais.

Apesar do egocentrismo e do apego às armas, quando a roda do destino de Bonaparte começou a girar para trás, sobretudo após a derrota de Waterloo e o exílio definitivo na ilha de Santa Helena, ele foi capaz de produzir uma reflexão de grande lucidez: “Só há duas forças neste mundo: a da espada e a do espírito. No final, o espírito sempre vence a espada.”

Nada representa mais adequadamente o espírito de um povo do que a sua cultura. Inspirado na mesma percepção a que chegou Napoleão, ou seja, a prevalência a longo prazo da cultura em comparação à guerra e à política, 27 intelectuais fundaram em 1838, no Rio de Janeiro, poucos anos depois da independência da América Portuguesa, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), com o objetivo de construir uma identidade para a nova nação que surgia.

Dando concretude a essa meta, o IHGB lançou um concurso, vencido por Carl Von Martius com a tese intitulada “Como se deve escrever a história do Brasil”. Nela, Martius defendeu que as narrativas históricas deveriam enfatizar o cruzamento racial e cultural entre brancos, negros e índios – traço singular de nossa população em relação às demais.

Mas o país continental era composto por diversas regiões, que, por sua vez, ambicionavam demonstrar não só sua contribuição para a formação do Brasil como também suas realizações e particularidades. Nessa direção, as províncias buscaram então replicar similares instituições em seus territórios, a começar pela criação em 1862 do pioneiro Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco. No mesmo ano, o presidente da província de Goiás, Caetano Filgueiras, tentou instalá-lo igualmente em solo goiano, porém a iniciativa não prosperou, vingando apenas 70 depois, na esteira da avalanche revolucionária de 1930.

Os poderosos ventos da Revolução de 1930, sentidos com grande intensidade em Goiás, trouxeram em seu ventre, três efeitos visíveis: primeiro, a desconstrução do passado imediato e, de roldão, da antiga capital estadual; segundo, a concretização da intermitente ideia mudancista, ou seja, a edificação de Goiânia; e terceiro, a fundação de múltiplas entidades: Academia Goiana de Letras; Associação Goiana de Imprensa; seccional da Ordem dos Advogados do Brasil e o próprio Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG), entre outras.

Essa rede de instituições, liderada por intelectuais vinculados à nova ordem política goiana, direta ou indiretamente, contribuiu para a hegemonia da memória do pós-1930 até os dias de hoje. Em abono ao alegado, apesar de meramente simbólico, basta registrar que a galeria dos ex-governadores de Goiás, exposta no principal prédio do poder Executivo Estadual, começa “a partir de 1930”. Resta patente o desprezo com a experiência sucedida em Vila Boa, hoje patrimônio da humanidade. Goiás e Goiânia são elos da mesma corrente, parafraseando o sugestivo título do livro de Rosarita Fleury. Urge necessário, portanto, um equilíbrio, até porque as lutas políticas do passado mudancista encontram-se hoje arquivadas pelo tempo.

Equilíbrio que igualmente defendo no tratamento ao nosso dúbio legado bandeirante. Indagado recentemente sobre o meu apoio ou não à retirada da estátua do Anhanguera do centro de Goiânia, advoguei uma solução conciliatória, isto é, a edificação de uma estátua de Damiana da Cunha, em frente àquela e com as mesmas dimensões. Desse modo, homenagear-se-ia a desconsiderada memória dos indígenas e das mulheres ao tempo em que se preservaria o emblemático marco anhanguerino.

Senhores e Senhoras, muitos desafios teremos na direção de Instituto, a saber: requalificar e preservar o seu rico acervo, tornando-o cada vez mais acessível ao público; tombar e restaurar o prédio antigo, um verdadeiro relicário sediado na Praça Cívica; buscar parcerias com as Universidades, os poderes públicos municipais, estadual e federal, além das entidades culturais e da iniciativa privada; aproximar do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e de suas congêneres estaduais; divulgar suas ações e projetos mais amplamente nas redes sociais; e organizar, no próximo ano, a celebração de quatro efemérides: os 90 anos do IHGG; os 200 anos da independência do Brasil; os 100 anos da semana de arte moderna; e os 300 anos da chegada da bandeira do Anhanguera em Goiás.

Confesso, de coração na boca, que me comove demais esta solenidade. Tenho plena consciência de que o presente evento marcará para sempre a minha trajetória. Presidir o Instituto é uma elevada honra. Agradeço imensamente a Deus por isso, bem como aos meus vários e dedicados amigos e à minha família (querida esposa Iara, companheira certa das horas incertas; amados filhinhos Tales e Melissa, meu maior tesouro; e meus pais Eduardo – falecido no ano passado – e minha mãe Fátima, herdeiros, respectivamente, de ramo pirenopolino (sucessor do farmacêutico João Mendonça) e de linhagem vilaboense (sucessora de um verdadeiro “self made man” goiano, o industrial e político Hermógenes Coelho).

De igual modo, agradeço aos queridos confrades do IHGG, pela confiança em mim depositada. Tudo farei para realizar com diligência e honestidade a árdua tarefa de presidir a instituição. Espero contar sempre com a colaboração e a boa vontade de todos nos quatro anos de gestão à frente da Casa de Colemar Natal e Silva e José Mendonça Teles. A propósito, assinalo que sou o terceiro membro do Ministério Público a presidir o Instituto (Colemar e Aidenor anteriormente), bem assim o terceiro Mendonça (Gilberto Mendonça Teles e José antes).

Felicito simultaneamente os integrantes da diretoria que tanto termina quanto começa sua jornada, na pessoa do professor Geraldo Coelho Vaz, ora empossado 2ª vice-presidente. Dr. Geraldo foi sempre um orientador e um incentivador de todas as horas. Homem de visão larga, soube abrir portas para a nova geração, como ele mesmo faz questão de chamar, exemplificada nas pessoas dos amigos Nilson Jaime, Bento Fleury, Antônio Caldas, Sandro Dutra e tantos outros. Minha gratidão e lealdade, mestre.

Sem embargo, gostaria ainda de agradecer o Governador Ronaldo Caiado e ao Secretário da Cultura César Moura pelo apoio que ambos vêm dando à nossa entidade cultural, a primeira erguida em Goiânia. Aproveito o ensejo para parabenizá-los pela restauração do Palácio da Instrução na Cidade de Goiás, espaço onde nasceu o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

De mais a mais, agradeço a presença de todos, em especial do simpático Prefeito de Goiânia, Rogério Cruz, homem devoto à cultura e que certamente será um forte parceiro nosso doravante. A Casa estará sempre aberta ao senhor.

Esta solenidade não aconteceria da forma como ocorreu sem a colaboração da professora Beth Caldeira, empossada terceira vice-presidente, Sandro Matias e sua equipe.

Encerro com votos de que esse delicado momento sanitário pelo qual passamos, que já ceifou a vida de mais de 400.000 brasileiros, seja logo superado, rogando para que a humanidade saia dessa tempestade espiritualmente mais evoluída e com laços de solidariedade mais sólidos.

Viva o IHGG! Viva Goiás!